

## EUGENIO COSERIU: ARQUITETO DE UMA LINGÜÍSTICA INTEGRAL DA LINGUAGEM

Evanildo Bechara  
UERJ / UFF

Este número duplo da *Confluência* homenageia o amigo e o lingüista que nos apoiou sempre no Liceu Literário Português e em que sempre encontramos a melhor lição: Eugenio Coseriu.

A escolha do homenageado não poderia ser mais feliz, porque, analisando e reinterpretando criticamente o que aprendera com seus mestres e suas fontes, Eugenio Coseriu alargou os horizontes da linguagem como traço característico do homem como ser “político”, segundo definiu Aristóteles, e, conseqüentemente, estribado no princípio posto em evidência por Platão de que “se devem dizer as coisas como são – princípio da objetividade –, e no ensinamento de Croce de que “conhecer é distinguir”, separando o plano do objeto e o plano da investigação, alargou o primitivo e acanhado campo da investigação lingüística, até então preso às línguas (lingüística das línguas) para subdividi-lo em várias outras disciplinas lingüísticas, estabelecendo para todas seus alcances e seus limites. Chega, assim, ao conceito de uma lingüística integral.

Quem não leu o nosso homenageado ou quem o leu mal, criticará essa orientação eclética. Todavia, não se trata de nenhum ecletismo. Por suas próprias palavras, sabemos que “não se trata de combinar ou de conciliar entre si teorias e concepções heterogêneas, mas sim de conciliá-las com a realidade da linguagem entre o que têm de ‘verdade’, como perspectivas diferentes com respeito a *o mesmo* ou como parcializações diferentes de intuições concernentes ao mesmo conjunto de fatos, e de situar todo problema e todo enfoque em um só marco em que têm lugar justificado pela própria realidade da linguagem”.

Neste sentido, a língua portuguesa ou qualquer outra língua recebem um aparato teórico de investigação e pesquisa à altura das suas riquezas e das suas complexidades.

Esta homenagem vem fazer jus, pelo muito que lhe devemos, à obra de extraordinário teórico da Lingüística, deste pensador profundo, que reconhece seu débito aos grandes mestres do pensamento universal, desde Aristóteles até

Antonino Pagliaro, Antonio Banfi e Giovanni Maver, passando por Leibnitz, Hegel, Humboldt, Croce, Ferdinand de Saussure, Hermann Paul e von Gabelentz. É toda uma vida dedicada à leitura reflexiva, ao diálogo permanente e ao esforço de dar um passo à frente, original e extraordinariamente fecundo. Eugenio Coseriu é dos que pensam que todo bom modelo teórico traz sua contribuição, e diverge daqueles que se enganam quando supõem que seu modelo é o modelo, paradigma para a ciência lingüística, que faz sombra e procura desprezar a toda uma tradição milenar.

Partindo do princípio já aqui referido de que distinguir é conhecer, Eugenio Coseriu soube mostrar o que aproveitar da filosofia da linguagem, da gramática tradicional, do positivismo e do antipositivismo, do estruturalismo e do funcionalismo, da gramática gerativa e da gramática cognitiva, da estilística e da pragmática, da análise do discurso e da lingüística textual, para constituir não uma ciência das línguas, mas uma ciência da linguagem, de tal maneira que a lingüística das línguas será uma das seções, justamente aquela em que vai operar o lingüista.

Estribado na lição de Leibnitz segundo a qual “*Scientia, quo magis theorica, magis practica*”, apontou para os professores de língua materna o caminho a ser trilhado para o desenvolvimento de uma cabal educação lingüística; para os cientistas e os políticos da educação, que critérios devem presidir a uma competente política lingüística: esboçar uma *deontologia* lingüística como estudo da correção e da exemplaridade idiomática.

Nos seus trabalhos quase juvenis, traçou para sempre, no quadro teórico, as distinções de *sistema, norma e fala*, dando maior abrangência à dicotomia saussuriana de *langue e parole*.

Voltando ao que dissemos, Coseriu paga um justo tributo aos ensinamentos do genial lingüista de Genebra. Declara, como antes dissera E. Benveniste, que todo lingüista moderno, consciente ou inconscientemente, é devedor das lições do *Cours de linguistique générale*. Nosso homenageado chega a declarar que, partindo de um saussurianismo dinâmico (ao contrário do saussurianismo “ortodoxo”, entendido como repetição, confirmação e aplicação das lições do *Cours*), o que em matéria de teoria foi feito em seus livros, fê-lo *com* Saussure e não *contra* Saussure.

A reflexão profunda e cuidadosa do *Cours* levou Coseriu a examinar-lhe as fontes e aí nos demonstra cabalmente que dos dois grandes e excelentes manuais de lingüística que nos legaram os séculos XIX e XX – de Georg von Gabelentz e de Hermann Paul –, o primeiro deixou muito mais rastros de influências do que o segundo nas idéias expendidas por F. de Saussure. Tal fato não costuma ser assinalado, porque quase sempre os investigadores das idéias

lingüísticas estão mais interessados nas interpretações do que nas origens das fontes saussurianas.

Justamente porque a história da lingüística teórica não se tem caracterizado por um percurso de aprofundamento de suas idéias originárias e das recepções e identificações do fio condutor delas nos diversos sistemas e modelos conhecidos, preocupa-se Eugenio Coseriu em surpreender e pesquisar os casos desses rastreamentos que se lhe depararam no decorrer de suas extensíssimas leituras. Assim é que em Saussure vemo-lo identificando o conceito de arbitrariedade do signo lingüístico em Aristóteles; explicitando as pertinentes antecipações do valenciano Juan Luis Vives sobre a teoria da tradução; penetrando no valor da obra lingüística de Wilhelm von Humboldt, suas antecipações de teses discutidas na lingüística moderna, como, por exemplo, tipologia das línguas ou a distinção entre *forma interior* e *forma exterior* ou, ainda, a oposição entre a *linguagem como enérgeia* e a *linguagem como ergon*; respingando evidências da pré-história da semântica estrutural existentes, ainda que indiretamente, no esquecido estudo do lingüista K.W.L. Heise sobre o campo léxico do alemão Schall ‘som em geral’ e cujos integrantes se opõem por traços distintivos imediatos.

Suas leituras e pesquisas não só contemplaram as obras das figuras exponenciais da lingüística; procuram resgatar o valor de estudiosos do séc. XVI, como é o caso do vasco Andrès de Poza, nascido por volta de 1530, estudioso do substrato germânico no espanhol, ou do nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira, cujas intuições e antecipações levaram Coseriu a considerá-lo “um dos gramáticos mais originais de toda a Renascença”.

Esta larga leitura dos textos iniciais da lingüística tomada com ciência se revela esplendidamente no longo estudo sobre a lingüística e a semântica de Michel Bréal, celebrado autor a quem, se não lhe cabem as honras de fundador da semântica léxica, se deve a consagração como disciplina autônoma, superior à “semasiologia” que se praticava desde muito antes da saída de seu livro *Essai de sémantique*, em 1897.

Na mesma linha de processo dialético de síntese das idéias então ventiladas na lingüística, pôs nos devidos termos os conceitos e os alcances metodológicos da distinção entre *sincronia* e *diacronia*, soube distinguir, com Menéndez Pidal, entre gramática *histórica estrita* (como estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo) e a *histórica interna da língua* (como estudo diacrônico de um língua histórica) e, num passo mais à frente, chegou a interpretar a história lingüística (que contém as descrições sincrônicas) como efetiva lingüística integral. Suas distinções dos três planos da linguagem – o *universal*, o *histórico* e o *individual* – e das competentes atividades, saberes e

juízos de valor, permitiram um melhor enquadramento das questões e falsas questões que tem conhecido a teoria da linguagem, contribuindo, outrossim, para a conceituação extremamente fecunda do que chama *língua funcional*.

Divergindo de muitos lingüistas que consideravam a função normativa da gramática escolar indigna de suas considerações, Eugenio Coseriu se filia àquele grupo de excelentes lingüistas preocupados com destacar o papel de injunção social da norma padrão, com a confecção de bons compêndios gramaticais. Escreveram gramáticas escolares, descritivas e normativas, entre outros, Whitney, Bain, Bréal, Trombetti, Jespersen, Brunot, Secheyaye, Migliorini, Diderichsen, Fries e Mattoso Câmara. Como o americano Fries e indo mais além, desbastando-lhe certas confusões metodológicas, Coseriu nos oferece (o livro ainda se encontra inédito até este momento) uma rigorosa e profunda reflexão sobre o problema da correção idiomática, alguns de cujos aspectos já são antecipados no seu livro *Competência Lingüística*.

Pondo luz a uma confusão que já vem dos primórdios da reflexão lingüística que identificava o significado lingüístico com a realidade extralingüística, o *significatum* e os *designata*, explicitou Eugenio Coseriu os conceitos de *designação*, *significado* e *sentido*, extremamente operativos, entre outros domínios, no estudo estrutural e funcional do léxico, disciplina a que chamou *lexemática*.

Suas distinções de tipo ou estrato no plano do *conteúdo* (como oposto à *expressão*) entre *designação*, *significado* e *sentido* levaram-no a considerar a lingüística estrutural e funcional como a hermenêutica do significado, e a verdadeira lingüística textual a hermenêutica do sentido. *Sentido* só há no “dizer”, no discurso; conceitualmente, os “sentidos” do discurso que se extraem mais além dos significados de língua (isto é, o fato de um ato lingüístico ser “pergunta”, “resposta”, “réplica”, “objeção”, “ordem”, “súplica”, “advertência”, “saudação”, etc., etc., correspondem aos “lógoi” dos estóicos, isto é, às modalidades semânticas do “dizer”, e não do “nomear”.

Partindo destas considerações, Coseriu nos ensina, por exemplo, que o verdadeiro *objeto* da tradução são os “discursos” ou “textos”, e não as *línguas*, como geralmente se supõe. As línguas são apenas, com sua estrutura material e semântica, o instrumento ou meio ou a matéria da tradução. Está claro que se faz uma tradução *por meio das línguas*, mas sempre se traduzem *textos*, e, por isso, o que se traduz são os “conteúdos textuais” e não os “conteúdos lingüísticos”. Assim, os estratos ou tipos de conteúdo que integram o chamado “conteúdo textual” e constituem o objeto imediato da atividade de tradução são a designação e o sentido.

Do ponto de vista certo de que a linguagem não é imposta ao homem, mas o homem dela dispõe para expressão de sua liberdade criadora, historicamente condicionada, Eugenio Coseriu propõe inverter o conhecido postulado de Ferdinand de Saussure: em lugar de colocar-se no estreito limite da língua, o lingüista há de se colocar desde o primeiro momento no terreno do falar e tomá-lo como norma de todas as outras manifestações da linguagem. Isto porque o falar – incluindo-se aí sua determinação extralingüística e psicofísica – é muito mais do que a simples realização de uma língua particular, o simples conjunto de regras para construir frases corretas, como declara num dos seus últimos livros – *Competência Lingüística: Elementos da Teoria do Falar*.

Dotado de um poliglottismo invejável, sedimentado pela leitura e reflexão dos teóricos da filosofia e da linguagem, e conhecedor profundo do pensamento lingüístico antigo, medieval e moderno, Eugenio Coseriu elaborou, sem dogmatismo e com a objetividade absoluta que representa a norma intrínseca de toda ciência, por meio de um processo dialético, o arcabouço teórico com vista a uma investigação da capacidade geral da expressão – inclusive uma lingüística esqueuológica (do grego *skéuos* ‘coisa’, ‘instrumento’) que nos mostra a contribuição do conhecimento geral das coisas a cada falar –, que o fará, sem sombra de dúvida, a mais autorizada voz da lingüística do século XX para a lingüística do século XXI, no entrelaçamento fecundo da tradição e da novidade. Diante de sua obra, os lingüistas do futuro terão aquele guia seguro como Dante encontrou Virgílio no início da *Divina Comédia*, e poderão repetir o que o poeta italiano aplicou ao autor da Eneida: “*Tu se’ lo mio maestro e ’l mio autore*” (I, 85).